

## **Seminário: Expografia – Aspectos Técnicos**

Profa. Graça Teixeira

Museóloga – Profa. Assistente do Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia

Mestre em História da Arte.

Doutoranda em História – Universidade Federal da Bahia.

### **PROGRAMA:**

Conceito

A exposição como veículo de comunicação e argumento cultural.

Elementos formais da Exposição.

Planejamento e instalação de exposições.

A exposição de acordo com a tipologia dos museus.

Tipos de Exposição.

Projeto Expográfico:

- Planejamento e concepção do projeto expográfico.
- Marketing e Merchandizing.
- Planta Baixa – leitura e concepção.
- Concepção espacial
- Execução

Interdisciplinaridade no Projeto Museográfico.

Avaliação

Seminário: Exposições Museológicas como estratégias de comunicação

Prof. Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha

Museólogo – Prof. Assistente do Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia

Mestre em Informação Estratégica.

Doutorando em História – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

### **PROGRAMA:**

- Eixos fundamentais das exposições
- O tratamento museológico da Herança Patrimonial.

- Museologia – Exposições – Disseminação da Informação.
- Exposições e Representações.
- Especialização do discurso
- Museus e Exposições.
- Ciclo dos objetos: Produção, apreensão e recontextualização.
- Museus e Objetos: relação de síntese e complementaridade.

## **Exposições Museológicas como estratégias de comunicação.**

Este texto síntese é realizado a partir das idéias e conceitos desenvolvidos na Dissertação de Mestrado Exposições Museológicas como estratégias de comunicação: O Museu Afro-Brasileiro da Universidade Federal da Bahia – um estudo de caso sobre musealização das culturas afro-brasileiras. Apresentada no Mestrado em Informação Estratégica do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, em 1999, para a obtenção de grau de Mestre em Informação Estratégica.

## **APRESENTAÇÃO**

Durante o desenvolvimento do nosso Mestrado abordamos as exposições museológicas como Estratégias de Comunicação determinadas também por fatores externos ao próprio trabalho técnico / científico.

Este Sistema Comunicacional - a Exposição - articula-se em torno de três eixos:

- Ø Da Fundamentação: conjunto das idéias, fatos, conceitos, propostas e objetivos, do grupo que a produziu, a mantém ou nela é representado.
- Ø Da Produção Imagética - Sensorial: materialização / explicitação do discurso institucional - a Fundamentação - através da utilização de objetos e do “diálogo” entre os mesmos.
- Ø Da Extroversão/Comunicação: observação e resposta do observador visitante, momento em que se opera a síntese da compreensão do discurso das propostas institucionais e do discurso imagético.

Nessa perspectiva as exposições devem ser compreendidas como diretamente relacionados com o processo de produção de idéias/imaginários e bens sociais reconhecidos pela sua materialidade. Portanto, existem características que marcam as diversas formas de abordar e trabalhar referências culturais na tentativa de explicitá-las sistematicamente no espaço da exposição. Por isso, reconhecemos que há modos específicos de sistematizar os museus e suas exposições, de acordo com sua categoria e as idéias e imagens relativas ao tema apresentado.

O resultado da abordagem, a Exposição, está diretamente ligado a uma série de fatores que a antecedem e condicionam: à síntese que realizada do discurso institucional, à existência de recursos expositivos (mobiliário, luz, acervo etc.), à capacidade de articulação dos elementos, bem como às projeções e resultados reais das reações/interações do público/visitante.

## • Tratamento Museológico da Herança Patrimonial: a Exposição como Estratégia Comunicacional.

As exposições museológicas diferem-se das outras por seu caráter e preocupação com a prática preservacionista havendo a implicação de um processo que caracteriza e difere a ação museológica de outras ações decorrentes de outras disciplinas.

*“... a Museologia oferece às outras áreas uma oportunidade especial de aproximação sistemática com a sociedade presente, para a necessária e requisitada devolução do conhecimento, uma vez que vincula suas principais preocupações em dois níveis, a saber:*

- 1) *Identificar e analisar o comportamento individual e/ou coletivo do homem frente ao seu patrimônio.*
- 2) *Desenvolver processos técnicos e científicos para que, a partir dessa relação, o patrimônio seja transformado em herança e contribua para construção de identidades”* (BRUNO, 1996, p.10)

Portanto, quando falamos em exposição museológica, somente podemos concebê-la como parte de um processo, que tem vários outros elementos, com os quais se relaciona e dialoga, como por exemplo a pesquisa e a ação cultural (também compreendidas como parte da ação preservacionista), sendo possível sistematizar estas ações em dois grupos básicos:

### 1° **Salvaguarda**, que abrange:

- Ø coleta/estudo
- Ø documentação
- Ø conservação
- Ø armazenamento

### 2° **Comunicação**, abrangendo:

- Ø exposição
- Ø projetos educativos
- Ø ação sócio-educativo-cultural
- Ø avaliação

Neste contexto, e pensando a Exposição como uma das estratégias de um plano preservacionista, podemos entender a exposição museológica como um texto, observando no seu contexto uma infinidade de interfaces que se estabelecem e se relacionam permitindo diversas “leituras” do seu conteúdo. Leituras que se dão em processo de interação entre o programa e objetivos institucionais, a idéia/proposta original, com base nas pesquisas e conceitos que originaram tal exposição, bem como os aportes do visitante, que observa e interage com o que vê, elaborando e reelaborando seus conceitos sobre o tema apresentado a partir deste contato que é sensorial / emocional / intelectual.

As exposições constituem-se na escolha e ênfase sobre objetos que possam compor determinados cenários

referentes a determinadas categorias e fenômenos. A seleção e definição de quais elementos representam determinada entidade, estão intimamente relacionadas às idéias e imagens que se fazem acerca desta mesma entidade, neste sentido, fica claro que:

“...aos museus cabe a missão de:

1. *selecionar e proteger peças que testemunhem a cultura de uma sociedade no que ela tem de único e destacável,*
2. *restaurar ou instaurar o valor simbólico, e comunica-lo a todos, para levar a comunidade a comungar seu sentido,*
3. *expressar na exposição pública a identidade desta comunidade, da mesma forma que os objetos privados testemunham a história individual e a personalidade daqueles que os conservam,*
4. *ancorar a coletividade, em uma representação valorativa de si mesma”.* (RASSE, 1997, P.43)

A Exposição Museológica caracteriza-se como um discurso, uma estratégia informacional em um contexto de comunicação, sendo as exposições realizadas por instituições e indivíduos com o objetivo de reforçarem uma idéia, uma proposta conceitual, ao tempo em que participam de um projeto de preservação de referências patrimoniais.

Como em um texto, as exposições são construídas com diversos elementos e sinais distintivos. Ao observá-las percebemos ênfases, reticências, metáforas etc. Como em um discurso, revelam-se e ocultam-se coisas a partir de interesses que podem ser conscientes, ou mesmo inconscientes.

Expor é revelar, comungar, evidenciar elementos que se desejam explicitar, e este desejo pode estar relacionado a um momento histórico, uma descoberta científica, uma produção estética, um ideal político. Não deve a exposição ser entendida como fim de um processo, mas sim como uma “obra aberta”, alimentada e realimentada permanentemente, articulada e articulando-se com outros elementos do sistema do conhecimento e referências culturais. Neste sentido, as exposições nos colocam diante de concepções, de visões e abordagens do mundo, portanto, expor é também, e sobretudo, propor.

Temos que levar em conta que uma instituição é um organismo complexo, com objetivos específicos e gerais que unem os seus componentes, mas que também é influenciada pelos desejos e objetivos de cada um dos elementos que a integram. Portanto uma exposição é a soma de esforços e propostas individuais, sintetizadas no “texto expográfico que procura o estabelecimento de equilíbrios e posições que contemplem as diferenças, as discordâncias, bem como os pontos em comum.

As exposições são traduções de discursos, por meio de imagens, referências espaciais, interações, não somente pelo que está exposto, mas inclusive, pelo que se oculta. O profissional de museu, tem uma função primordial, a de traduzir afirmações, questionamentos, anseios, desejos, não somente, mas sobretudo, por meio de suas exposições, numa proposição de soluções de demandas coletivas e sociais.

Uma exposição traduz a conexão de várias referências, que conjugadas buscam dar sentido e apresentar um “texto”, uma idéia que se quer defender. Há na sua composição um ritmo, uma gramática, uma sintaxe, que se evidenciam na articulação de seus elementos. Na sua leitura são percebidas ênfases, proposições, metáforas, leitura que evidentemente, não será uniforme, pois dependerá do grau e nível de interação de cada indivíduo com o tema e elementos que se apresentam.

Uma exposição será sempre um “seqüestro” de elementos abstraídos do cotidiano, presente ou passado, em um

processo de ressignificação, uma vez que os objetos apresentados, passam a integrar um novo sistema de referências – o espaço do museu, a sala de exposição - por vezes em composições inteiramente novas e inusitadas. Esta é uma questão que não podemos perder de vista ao elaborarmos ou analisarmos uma exposição, pois

*“... se admitimos que a museologia tem por tarefa estudar a relação específica do homem com uma certa realidade [...] nossa pesquisa museológica implicará um trabalho contínuo de apropriação do sentido do objeto, mas também do tempo que ele atravessou, do espaço em que se situa e que sua presença modificou. [...] o fenômeno da criação na sua relação ao tempo e espaço.”* (BELLAIGUE, MENU, 1996, p.40)

A importância dos objetos no contexto de um processo de comunicação, neste caso, exposições museológicas, tem de ser plenamente considerada, pois os objetos, amparados pela linguagem, constituem bases para nosso processo cognitivo. Pela cultura, transformamos “coisas” em “objetos”, realizamos classificações, articulações, inserções. Esta relação que estabelecemos com o mundo, os objetos e idéias que o compõem, as exposições envolvem três ordens do sentido:

1. *a linguagem – universo da lei convencional do símbolo*
2. *o ícone – universo da representação, da analogia, da semelhança*
3. *o índice – universo da vizinhança, da metonímia, da topologia do sentido. [...]*

*A ordem metonímica é o registro privilegiado da mídia exposição: instalação espacial que se comunica com seu corpo significante”* (VÉRON, MARTINE, 1989, p.25)

A seleção expositiva e suas proposições de representação e interpretação está presente também na escolha de cores, texturas, bases e vitrines, entre outros elementos, e por vezes até mesmo do edifício em que se montará determinada exposição, em que se instalará determinada instituição museológica. O texto expográfico é composto de um conteúdo teórico e conceitual que é fundamental, mas tal conteúdo é indissociável das formas pelas quais é apresentado. As escolhas materiais são de primordial importância na explicitação das idéias, conceitos e seu entendimento.

*“... a concepção e montagem de uma exposição, ou seja, a passagem do nível conceitual para o nível prático, implica no acompanhamento de um diálogo entre os objetos, os espaços, as cores, a luz, as linguagens de apoio e a visualização do público potencial.”* (ARAÚJO, BRUNO, 1989, p. 13)

Exposições museológicas devem ser instrumentos para a produção e difusão de conhecimentos. Caso contrário, serão, quando muito, meros instrumentos de divulgação/informação do conhecimento, da história, tomados como fatos já sedimentados, estanques. Na perspectiva da produção/difusão de conhecimentos, as exposições apresentam-se como espaços para a problematização, a reflexão, em prática que privilegia a abordagem da realidade evidenciando elementos que no cotidiano, por vezes, passam despercebidos. Local onde se concentram e circulam idéias anteriores à sua produção, nascidas no seio de grupos geradores de cultura material e intangível, e referências conceituais, sua produção resulta da manipulação de conceitos, referências e objetos disponíveis, além de um corpo de elementos de apoio, como gráficos, etiquetas, legendas, textos, em uma composição aberta à interpretação e reinterpretação de todos aqueles que com ela entrarem em contato.

Por seu caráter público - salvo raras exceções em que são projetadas e realizadas para um círculo restrito de indivíduos - seu quadro de visitantes é dos mais heterogêneos, composto de diversas faixas etárias, níveis econômicos e intelectuais etc. Quando se estabelece uma exposição, pressupõe-se que alguns indivíduos

entenderão plenamente as suas mensagens, podendo até achá-las banais, enquanto outros estarão alheios aos seus significados, até mesmo com dificuldade de compreensão. Surge daí o desafio de que possam ser compreendidas, que sejam revestidas de sentidos, pelo maior número de espectadores quanto possível, e para tal devem ser construídas considerando-se a multiplicidade de entendimentos e anseios dos visitantes.

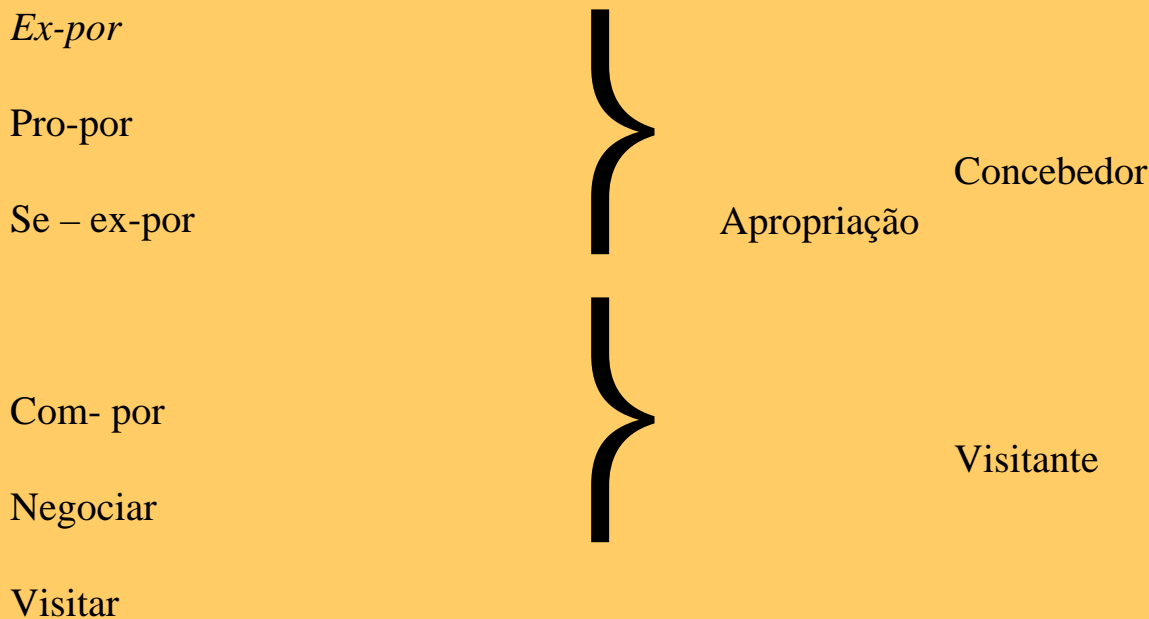
*“A museografia contemporânea oferece a possibilidade de multiplicar os pontos de vista, realizando abordagens em níveis distintos possíveis. Se o primeiro nível de leitura de uma cenografia deve apresentar-se simples porque esta é a condição de sua acessibilidade para a maioria dos visitantes, os textos secundários (fundo de vitrines, plaquetas, catálogos, guias etc) podem, complementar, aprofundar e multiplicar os pontos de vista” (RASSE, 1997, p.50)*

A leitura realizada pelo visitante implica aferições sobre o que está vendo e sobre a forma como está vendo, incluindo o agenciamento espacial, o mobiliário utilizado, os textos existentes, as cenas apresentadas, bem como a percepção das ausências, das reticências. Sua cognição se dá no momento em que identifica os elementos apresentados relacionando-os ao seu universo de referências, ao seu sistema de crenças - o conjunto de referências e categorias com as quais o indivíduo se relaciona e classifica o mundo. O visitante pode, neste momento, ampliar / redimensionar seu sistema de crenças.

*“... se ex-por, é sempre pro-por, visitar uma exposição é com-por, nos dois sentidos deste termo: aquele de produzir uma combinatória, e aquele de acomodar-se.*

*Acomodar-se: pactuar, negociar. Visitar uma exposição é negociar sua relação com o exposto (e então, necessariamente, com quem expõe). Sendo este último, de uma forma ou de outra, um enunciador institucional da cultura, e é sua relação com o saber que o indivíduo, por exposição inter-posta, negocia.” (VÉRON, LEVASSEUR, 1989, p.21)*

Véron e Lavasseur apresentam o seguinte esquema sobre a relação entre públicos e exposições:



O diálogo-apropriação entre concebedor / exposição / público, e conseqüente redimensionamento das exposições se apresenta como um dos desafios ao fazer museológico, pois exposições são realizadas na perspectiva de um

tempo de duração e com limitação de recursos, sendo difícil a prática permanente de respostas aos aportes dos visitantes, mas é possível realizar atualizações do discurso expositivo, tempo-a-tempo, bem como complementações de informação através de diversos recursos mediáticos.

### 1.1 Museologia - Exposições - Disseminação de informação

*“O museu não existe sem o público, ele capacita o visitante em uma relação sensorial com os ‘objetos’ (no sentido amplo) para uma comunicação específica com os criadores, através do tempo e do espaço”* (BELLAIGUE, NONAS: 1996, p. 156)

O museu é um lugar de comunicação e a exposição, essência da linguagem museológica, caracteriza-se como um discurso, uma estratégia para comunicar algo, um recurso de esclarecimento, convencimento, conhecimentos abordados através dos sentidos, em um texto constituído de forma sistemática. Convém ressaltar, que a exposição não deve ser entendida como o fim do museu, mas sim como veículo de extroversão / produção de conhecimentos, uma ferramenta para que se estabeleçam interações com os públicos do museu.

Por isso deverá estar apoiada em sistema documental que lhe embase conteúdos e em programa de conservação que possibilite que o museu cumpra outro papel ao qual é chamado a desempenhar, o de preservacionista do patrimônio. É necessário também que o museu tenha um amplo programa de ações culturais e educativas, que darão sentido a sua existência, entendido como um espaço a ser utilizado para o desenvolvimento social, para a elaboração / re-elaboração de identidades e afirmação de cidadanias.

A exposição é um espaço de propagação de idéias, logo, é ideológica e como tal, política, reveladora de uma abordagem em relação a determinado tema ou fato.

*“... a concepção e montagem de uma exposição, ou seja, a passagem do nível conceitual para o nível prático, implica no acompanhamento de um diálogo entre os objetos, o espaço, as cores, a luz, as linguagens de apoio e a visualização do público potencial. Esse diálogo que, invariavelmente, leva à delimitação, seleção, triagens, possibilita, também a geração, a partir de um saber constituído, da elaboração (para o público) de imagens, saberes e valores”.* (ARAÚJO, BRUNO, 1989, p.15)

Assim, o Museu entendido como instituição democrática tem o papel de explicitar conhecimentos, por meio dos diversos recursos que dispõe, socializando-os, colocando-os ao alcance de todos os cidadãos. *O Museu [...] deve tratar os objetos, os ofícios e os costumes de tal modo que, mais que exibí-los tornem inteligíveis as relações entre eles, propondo hipóteses sobre o que significam para a gente que hoje os vê e evoca.*” (CANCLINI, 1994, p.38)

No entanto, apesar desta constatação que parece óbvia, o caráter informacional e comunicacional dos museus e sua responsabilidade no âmbito do sistema de formação e geração de conhecimentos têm sido negligenciados. Museus continuam sendo tratados e concebidos como meros espaços de contemplação, nos quais a participação do público em um processo dialógico não é considerada.

*“A museologia brasileira tem investido pouco no museu como sistema informação que potencialize o conteúdo informacional dos objetos museológicos e os aspectos de recuperação e disseminação da informação, ou melhor, os objetos do museu como fontes de informação.”* (FERREZ, BIANCHINI, 1987, v.1, p.8)

A afirmação de Ferrez, do final da década de 80, ainda é válida para os dias atuais, apesar do desenvolvimento recente de um Programa Nacional de Museus, formulado e desenvolvido a partir do ano de 2003, dentro das metas para a cultura do Ministério da Cultura do governo do Presidente Lula, que vem buscando uma análise do quadro atual dos museus nacionais e o fomento ao desenvolvimento de mão de obra e dotação de infra estrutura e recursos para o desenvolvimento de suas atividades.

A disseminação da informação implica em um processo, que tem várias etapas metodológicas, que no caso dos museus implica inicialmente na pesquisa, que consiste na identificação dos objetos e sua trajetória histórica, com suas relações espaço-temporais e dimensão social.

Organização, estruturação, processamento técnico, recuperação e disseminação da informação dependem da compreensão da historicidade do objeto, seu processo de produção, sua inserção no sistema social que o gerou, suas funções de uso, suas apropriações e reapropriações. Enfim, dependem do entendimento do objeto, não em si mesmo, mas no contexto sócio-cultural. Importa no processo museológico, além da função de proteção/preservação dos objetos, captar e traduzir a carga informacional potencializada em cada objeto, disponibilizando-a para a geração de novos conhecimentos.

## 1.2 Exposições e Representações

O museu deve estar relacionado à busca permanente de conhecimento à qual nos dedicamos do início ao fim de nossas vidas, movidos pelo prazer de conhecer e ânsia pela transformação permanente das nossas condições de existência, em uma busca que se relaciona à emoção de aprender e apreender o mundo.

*“... não existe objetividade na exposição, mas subjetividades que visam lutar contra a imobilidade do mundo. O museu didático, pedagógico, é um lugar de conservação da memória onde o sensível é o instrumento privilegiado para a reflexão, a interrogação.”* (BELLAIGUE, MENU: 1996, p.45)

Quanto ao tempo, o museu - local em que passado, presente e futuro articulam-se - projeta para o futuro a realidade em suas três dimensões temporais. Museus corrompem o tempo e o espaço, recriam o real, caracterizando-se como espaços do arremedo, e às vezes da idealização. A realidade é apresentada filtrada por olhares e compreensões (e muitas vezes incompreensões) que os seus produtores têm do fato abordado.

*“O museu pode criar, ponto a ponto, imagens fantásticas, que servem para reinterpretar as múltiplas faces do real - dando-lhe características inexistentes anteriormente, mudando ou exagerando suas características [...] o artifício da ‘reconstrução’ do real, tradicionalmente utilizado pelo museu, torna-se agora verdadeiramente uma ‘criação’, desde que o real não se encontra mais somente no mundo, ele está também no espírito do criador de imagens, seja ele o artista que cria a obra (considerada também objeto), ou aquele que planifica e realiza a exposição, o responsável pela programação virtual ou mesmo o visitante, que deve agora interagir com imagens semi-criadas, contemplando-as, ali ‘navegando’, processando através delas novos mundos, novos signos, novas dimensões.* (SCHEINER, 1996, p.122)

Entendida a exposição museológica como um dos muitos elementos do amplo processo de comunicação humana, como uma estratégia para informação, que recorre ao sensorial, à percepção, que é subjetiva e individualizada, mesmo que extremamente influenciada pelo coletivo, podemos arrolar, no que diz respeito às dificuldades relacionadas à disseminação da informação, ou à eficiência do discurso e precisão do que queremos comunicar, alguns fatores relacionados ao visitante e ao processo de sua percepção dos elementos apresentados:

*“- A centralidade das crenças e valores da pessoa. Toda pessoa tem um sistema de crenças e de valores, onde algumas crenças ocupam uma posição central, profunda, muito ligada à própria identidade da pessoa.*

*- A importância da mensagem para manter ou ferir a ego-imagem da pessoa e para favorecer ou impedir a realização de seus propósitos (por exemplo, de ascensão social).*

*- A compatibilidade ou consonância da mensagem com as crenças e valores prévios da pessoa e do grupo a que ela pertence.*

*- O prestígio e a credibilidade da fonte da mensagem.*

*- A relação percebida entre o esforço necessário para aceitar e aplicar a mensagem e a recompensa ou*



*a gratificação esperada.*

- *A empatia que a pessoa sente para com seu interlocutor, isto é, a capacidade de se colocar no lugar do outro e ver o mundo como ele vê.*
- *A maior ou menor flexibilidade mental da pessoa receptora, isto é, se ela é de mente aberta ou mente fechada, dogmática ou liberal, autoritária ou democrática.*
- *A situação particular em que acontece a comunicação.” (DIAZ-BORDENAVE, 1993, p.53 )*

Em trabalho que trata dos elementos que constituem a visita guiada, BANNA (1996, p. 21) apresenta elementos que compõem o processo de apreensão da informação pelo visitante. Acreditamos que o quadro apresentado pode ser aplicado, também, em situações em que as visitas não são acompanhadas por guia, pois exceto a presença deste, todos os outros elementos estão presentes em todo tipo de visita.

*“Elementos essenciais constituem a estrutura da visita guiada. Analisaremos estes elementos, afim de melhor compreender suas relações.*

Ø *TEMPO: a visita de museu é um acontecimento paradoxal. Ela se desenvolve em um lapso de tempo definido, de um lado, e constitui, por outro lado, uma viagem fora do tempo onde na maioria das vezes vamos ao reencontro do passado, longe do presente, mas também do cotidiano.*

Ø *LOCAL: o museu é um local paradoxal. É aberto para receber os visitantes sem restrições, mas é também um lugar específico, um meio ambiente não acidental, construído, estruturado. Como tal, forma uma microesfera definida na qual as proporções e os volumes têm um impacto físico e psicológico sobre o visitante.*

Ø *OBJETO: as coleções são o motivo da visita [...] as obras são um convite ao deslocamento, uma provocação ao imaginário, estão lá com seu ‘contexto de significação’ e sua ‘pertinência no presente’. Os objetos são de fato os alvos da visita.*

Ø *VISITANTE: o visitante dirige-se ao museu por escolha, para satisfazer seus interesses e necessidades. Para ele é importante estar lá, neste face-a-face com as obras. Ele se apresenta como realmente é e deseja que seja aceito como tal.*

Ø *GUIA: responsável pela visita, ele encarrega-se de tudo o que é necessário ao bom funcionamento da visita proposta, mas ele deve fazê-lo em consonância com os desejos do visitante.*

Ø *A PALAVRA: este elemento poderia ser considerado como um meio. Ele é um elemento de base, porque a linguagem veicula o conteúdo e é essencialmente o elo que estabelece o circuito entre ao menos dois elementos mencionados: o visitante e o guia.” (BANNA, 1996, P.21)*

Considerando-se então que os museus são espaços abertos aos mais diversos segmentos de público, qual o caminho a escolher para a transmissão de informações contidas em um acervo?

Visando explicitar conceitos e informações, as instituições museológicas em suas exposições tendem à utilização de textos, o que faz com que, normalmente haja um exagero na utilização deste recurso. Não podemos perder de vista que as exposições devem recorrer basicamente a elementos sensoriais para a sua otimização, ou seja, não podemos pensar (como tem sido a prática) em exposições que mais se assemelham a livros ilustrados, pela ênfase que é dada à linguagem escrita, que deve estar presente como forma de apoio, e não como elemento principal. O desafio para museólogos e suas exposições é conseguir recursos que explicitem mensagens através

da composição de imagens.

Ainda no que diz respeito à ênfase ao texto escrito, não podemos perder de vista que ao se considerar os museus como espaços de democratização do conhecimento, em uma sociedade com grande número de analfabetos, não podemos enfatizar a escrita como recurso informacional principal e elementar, pois desta forma o museu continuará a ser um espaço de exclusão social. Vale, no entanto, considerar que é ideal que o Museu integre um processo de “alfabetização” do público, contribuindo para a transformação desta situação de exclusão. É importante que seja levada em conta que os museus, em sua diversidade tipológica e de abordagens, têm o desafio e responsabilidade de alcançar o objetivo de socialização / produção de conhecimentos e que as particularidades relacionadas às tipologias de acervo, bem como os desejos políticos e visão conceitual das instituições, refletem-se na elaboração das exposições.

Tomando o caso do Brasil, podemos traçar um perfil determinado para cada momento da história da museologia brasileira. Para esta abordagem utilizaremos quadro elaborado pela museóloga Cristina Bruno.

### ***Museus Brasileiros***

*Século XIX*

***Museus de História natural***

*(1818...)*

***Museus de Belas-Artes***

*(raça/meio ambiente/olhar estrangeiro)*

*- museus na capital e centros urbanos*

*- indicadores de progresso*

*Passagem do século* ***Museus regionais***

***Institutos históricos e geográficos***

*(enciclopedismo/positivismo/olhar regional)*

*- disputa entre regiões*

*- independência política*

*1930 / 1950*

***Rede de museus nacionais***

***Curso de museologia***

*Lei federal da preservação patrimonial*

*(identidade nacional / centralização)*

*- movimentos políticos e culturais*

*- busca de raízes culturais*

*1950 / 1980*

***Diversidade museológica***

***Novos cursos de Museologia***

***Descentralização administrativa***

*(visão social do museu / profissionalização)*

*- museus universitários*

*- produção científica*

*Atualidade*                      *cerca de 1200 museus*

*Especialização temática*

*Prioridade para a infância.*

*(BRUNO, 1998, P.52)*

Neste quadro em menos de duzentos anos de história dos museus no Brasil, evidencia-se a sua especialização e profissionalização, fato que vai se refletir nos seus conteúdos e discursos e conseqüentemente na segmentação do público que realiza suas escolhas a partir de interesses particulares.

Elaboramos um quadro, no qual tentamos identificar o tratamento comum aos diversos tipos de museus brasileiros, a partir de suas temáticas. É claro que os itens apresentados não se esgotam, havendo outros elementos que se apresentam e estão presentes nestas tipologias de museus.

<b>TIPO DE MUSEU</b>	<b>TEMÁTICAS COMUNS E ABORDAGEM CONCEITUAL</b>	<b>OBJETOS MAIS COMUNS</b>	<b>RECURSOS MUSEOGRÁFICOS E TECNOLOGIAS UTILIZADAS</b>
<b>ETNOGRÁFICO E ARQUEOLÓGICO</b>	<p>Testemunhos referentes a grupos “da pré-história” e sociedades extintas; Grupos sociais específicos relacionados às bases das sociedades contemporâneas;</p> <p>“Sociedades primitivas”;            Afirmção de identidades;            Questões raciais / étnicas;            Tradição; Folclore;            Hábitos e costumes;            Sociedades tradicionais;            Grupos e culturas exóticos.</p>	<p>Fósseis (ossos, plantas, carvão etc.);</p> <p>Artefatos oriundos de escavação; Líticos;</p> <p>Móveis; Jóias, adereços, indumentárias;</p> <p>Brinquedos e jogos;</p> <p>Armas; Artefatos de trabalho; Cerâmicas e objetos em metal;</p> <p>Imagens religiosas;</p> <p>Objetos de produção artesanal;</p> <p>Objetos relacionados ao universo mítico.</p>	<p>Mapas;</p> <p>Cenários;</p> <p>Gráficos;</p> <p>Fotografias;</p> <p>Multimídias;</p> <p>Sonorização.</p>

HISTÓRICO	Destaque e/ou culto a determinado momento, fato ou indivíduo considerado relevante para determinado grupo; Culto a personalidades individuais – mito do herói; Valorização do grupo a partir de acontecimentos específicos e individualizados; Façanha ou episódio histórico;	Mobiliário; Armário; Indumentária; Fotografias; Documentação primária (cartas, atas, certidões etc.); Condecorações ; Medalhas; Livros.	Reconstituições de cenários (salas de trabalho, biblioteca...); Mapas; Gráficos; Sonorização; Multimídias; Fotografias.
CIÊNCIAS NATURAIS	Apresentação de espécimes a partir de sistema classificatório taxionômico; Abordagem do meio ambiente; indicação da necessidade de preservação do meio-ambiente; apresentação de grupos culturais “exóticos”; Estudos comparativos acerca de regiões do mundo.	Animais taxidermizados; Amostras vegetais e minerais; Amostras animais em conserva; Animais vivos; Esqueletos; Microorganismos; Instrumentos de precisão; artefatos de determinados grupos culturais.	Reconstituições de meio ambientes; Gráficos em movimento Filmes; Animais em “habitat natural”; Gráficos; Multimídias; Filmes.
TIPO DE MUSEU	<b>TEMÁTICAS COMUNS E ABORDAGEM CONCEITUAL</b>	<b>OBJETOS MAIS COMUNS</b>	<b>RECURSOS MUSEOGRÁFICOS E TECNOLOGIAS UTILIZADAS</b>
CIÊNCIA E TECNOLOGIA	Apresentação de máquinas e equipamentos em uma perspectiva de progresso / evolução tecnológicos; Abordagem / utilização de recursos ambientais; Utilização de elementos considerados futuristas, de alta tecnologia; Exploração do pensamento lógico e matemático; uso de esquemas referente à evolução de máquinas e processos tecnológicos.	Protótipos; Máquinas; Projetos; Croquis; “Engenhocas”; Modelos reduzidos; Apresentação de séries de produção.	Cenários; Fotografias; Objetos manipuláveis; Quebra cabeças; Computadores; Filmes;

Museus de Arte	Abordagem da produção artística em uma perspectiva da valorização de determinada corrente estética; Abordagem cronológica e evolutiva das artes; abordagem biográfica; Contraposição da produção oficial em relação à produção popular; Ênfase no caráter especial da produção artística e da fruição estética.	Quadros; Esculturas; Instalações; Fotos; Matérias-primas e instrumentos utilizados; Instrumentos de trabalho; objetos referentes a determinado(s) artista (s).	Apresentação de séries de produção; Reconstituição de ateliê de artista; Sonorização; Exibição de audiovisuais; Espaços para reprodução / criação artística.
Museus de Arte popular	Apresentação de produção de grupos considerados populares; Abordagem da produção cultural pelo viés do folclore; Utilização da classificação “artesanato” para classificar a produção artística dos grupos apresentados; Abordagem da produção da cultura material das comunidades afro-brasileira e indígena no âmbito da arte popular.	Brinquedos; Instrumentos de trabalho; Exemplares de produtos; Indumentárias; Objetos religiosos; Esculturas; Pinturas; Têxteis; Fotografias.	Cenários; Apresentação seguindo-se o modelo galeria; Presença de artesãos realizando suas obras; Sonorização.

MUSES DE ARTE SACRA	Abordagem da produção sacra na perspectiva da cultura judaico-cristã, excluindo-se desta classificação qualquer outra produção sacra; Afirmação do refinamento de gosto e depuro técnico relacionado à produção religiosa; Ênfase na diversidade de materiais, ressaltando-se o valor material das coleções e materiais primas valiosas.	Esculturas; Talhas; Paramentos; Livros litúrgicos; Mobiliário; Instrumentos musicais; Alfaias.	Reconstituições; Sonorização; Cenários; Fotografias;
---------------------	--	--	--

### 1.3. A especialização do discurso

No momento em que passamos a considerar a comunicação não mais como um processo fechado, segundo o esquema tradicional: emissão ⇒ recepção - mas como um processo dinâmico que implica realimentação, no qual o discurso está em permanente construção - é necessária a indagação sobre como podemos ultrapassar os limites estáticos de uma exposição para que seja possibilitado um real processo de comunicação.

Um passo fundamental é considerar de forma mais objetiva a relação que se estabelece entre público e objeto no contexto da exposição. Nossa atenção deve voltar-se para um processo de acompanhamento de visitantes a museus, considerando quais os sentimentos expressos e reações alcançadas. Em trabalho sobre a apropriação da obra de arte pelo visitante (e aqui ampliamos suas considerações aos acervos em geral), BRIÈRE (1994) tece considerações sobre particularidades a serem observadas na relação entre público e objeto.

A partir de um esquema geral, comumente utilizado para conceber o processo de tratamento da informação pelo visitante, a autora identifica quatro etapas:

- Ø Atração do indivíduo para um objeto;
- Ø Coleta de dados sobre este objeto;
- Ø Tratamento dos dados recolhidos;
- Ø Elaboração de uma representação.

Este modelo se apóia na idéia de que a cognição se dá em um processo de busca, estocagem, transformação e utilização da informação.

Ainda segundo esta autora, há outro esquema para o processo de apropriação em arte:

- Ø Localização de um objeto;
- Ø Exploração, desconstrução deste objeto;
- Ø Conceitualização do que é percebido;

- Ø Qualificação do que é visto;
- Ø Classificação do que é visto;
- Ø Discurso sobre a obra;
- Ø Modificações da forma de ver do indivíduo.

Neste esquema há uma ligação entre o Sujeito, o Objeto e o Contexto.

Ao analisar a obra/objeto apresentado o sujeito manipula o que vê, gerando sentidos. Neste processo as características da obra, o contexto da exposição e a experiência do visitante são essenciais. Esta mesma autora apresenta esquema ilustrativo do processo de apropriação realizado pelo visitante definindo-o como “integração a si de um elemento percebido como exterior” e afirmando que o visitante vai “... localizar este elemento (aqui o objeto museal) entre os outros elementos que compõem seu universo pessoal, situando-o e assegurando-lhe coexistência com os outros elementos deste universo.” (BRIERE, 1996, p.43)

Segundo a autora (1996) esta apropriação se dá em quatro etapas:

*1 - Captação ou produção de informação sobre o objeto:*

*Busca de informação sobre o objeto com manipulação eventual desta informação relacionando-a a outras. Por vezes esta informação não terá nenhuma relação com o visitante, estando em jogo as suas habilidades intelectuais. A significação será construída, equilibrando-se entre uma significação privada, idiossincrática e uma significação pública. O equilíbrio será resultante da percepção do indivíduo sobre a significação pública e a que ele atribui ao objeto.*

*2 - Relacionar a si esta informação:*

*Refere-se à integração da informação captada àquela que o indivíduo já possui. Neste momento podem produzir-se três casos:*

- *aporte novo enriquece um esquema existente*
- *aporte novo obriga o indivíduo a criar um novo esquema*
- *aporte novo conflita-se com um ou mais esquemas existentes.*

*A apropriação se faz por meio de projeções, inferências, do que pode ser o objeto a partir do universo do indivíduo. À medida em que a significação do objeto muda e se enriquece, na medida da interação que o sujeito estabelece com ele, as exigências de apropriação também mudam.*

*3 - O olhar sobre si:*

*Consiste em tomar consciência do que representa a experiência de apropriação e qual o efeito operado sobre si.*

*4 - O desejo ou o projeto da ação:*

*Ação que se desenvolve por causa do poder que se adquire ao tomar-se conhecimento do mundo ou por causa da incapacidade de adquirir este poder. O objetivo do sujeito através deste desejo ou projeto é resolver um problema ou responder a uma questão.*

Pelas questões abordadas podemos afirmar que para a exposição se opere eficientemente como um processo comunicacional, voltado para a disseminação e produção de conhecimentos, devemos considerar:

- A necessidade da pesquisa, para o amplo conhecimento dos objetos, e aqui entendemos o

objeto como o resultado material das intervenções do homem e ainda toda a gama de referências imateriais que compõem os sistemas de significações no qual estamos inseridos.

- Existência de equipe multidisciplinar e interdisciplinar para o alcance das multifaces dos objetos estudados e assimilados.
- Existência de estrutura que inclui recursos humanos, materiais e tecnológicos.

Da pesquisa e tratamento da informação, passa-se à elaboração do “texto visual”: a Exposição, que pela exploração do sensorial / emocional, buscará produzir mecanismos de elaboração mental e produção de conhecimentos.

Aqui voltamos à consideração de que o espaço da exposição caracteriza-se como espaço de afirmações e descobertas, de apreensão do mundo, sendo necessário para a eficiência deste processo, que se considere o público e suas reações ao que é apresentado, e para atingir eficiência enquanto veículo de comunicação é necessário que concilie os vários discursos que envolvem um determinado tema. Para tal é imprescindível que se observem questões relacionadas à coleta e processamento de informação, seu arranjo no espaço específico, as demandas dos públicos e os possíveis desdobramentos, que a partir da realimentação informacional, vão gerar novos conhecimentos.

A exposição não deve ser encarada e produzida como espaço ditatorial de imposição de idéias, mesmo que sempre haja a tentação para isto, mas sim como um espaço que possibilite uma relação dialética e aberta, entre tema abordado, espaço expositivo e público participante, deve ser entendida como espaço de reflexões e provocação de mudanças.

#### 1.4 Uma abordagem do museu e suas exposições

*“... o objeto é tudo o que podemos tomar e manipular. Mas, além da utilização funcional, alguns objetos adquirem um estatuto híbrido onde a afetividade se combina. Instrumento, utensílio ou máquina, na acepção corrente, na funcionalidade, a função de uso pode desaparecer totalmente quando não sabemos muito bem para que serve o objeto” (DEFORGE, 1984, p105)*

Os museus são espaços essencialmente relacionados à representação sgnica e de realização de abordagens semióticas. De um lado, há abordagens simbólicas sobre o que esta instituição representa, do outro, conteúdos materiais, com ampla carga de significações. No senso comum são relacionados a mausoléus, cemitérios de objetos, espaços destinados à reserva e recolhimento de velharias e coisas que representam o passado, que testemunham um tempo romantizado e idealizado, ou representam indivíduos que alguma importância tiveram em determinado tempo e espaço social. Tal imagem foi construída por práticas museológicas voltadas para a exaltação de indivíduos, para a construção do culto do herói social, da apologia a determinadas estruturas sociais, recorrendo-se a determinados objetos e imagens para ênfase a determinadas categorias com preservação desejada.

No entanto vem ocorrendo mudança em relação a esta abordagem, buscando-se compreender o museu como um espaço componente dos espaços de convivência e aprendizagem, local em que se processam relações entre indivíduos e entre indivíduos e objetos. O museu, e suas exposições, passa a ser entendido como um local em que se processa nossa cognição, em que exercitamos nossa capacidade de leituras do mundo através das referências materiais ali encontradas e suas articulações, seus arranjos de interação.

Local privilegiado de exercícios semióticos, pois se a todo o momento estabelecemos relações com objetos e



imagens, construindo nossas abordagens e relações com o mundo, o museu intensifica esta relação, propondo visadas e direcionando atenções sobre elementos específicos. O caráter teatral-cenográfico das salas de museu acaba por destacar e evidenciar determinados elementos que no cotidiano passam despercebidos dos nossos olhares e atenções, ou que não fazem parte do nosso cotidiano, pois se referem a elementos distantes da realidade vivenciada por cada um.

Com suas articulações de objetos, em montagens cênicas, em composições que combinam objetos e imagens, ressalta os sentidos, provoca sensações que estimulam a memória e aguçam a sensibilidade, originando um processo de estabelecimento de conexões que levam à produção de conhecimentos. Os sentidos disparam o intelecto e potencializam o processo de cognição.

Fica claro que objetos fazem parte indissociável do trabalho dos que lidam com a memória coletiva e sua compreensão, para que se possibilitem transformações e tomadas de posição. Não é possível pensar memória e cidadania em um processo de abstração total, em um espaço dissociado de objetos e imagens. Neste sentido, os objetos são elementos chave para a ação museológica, entendidos como referência, como índices, como elementos que marcaram e marcam a realidade, compondo-a, como depositários de referências simbólicas, possibilidades de interpretação, marcas de eventos, indivíduos, representações de categorias e crenças.

O mundo dos museus é aquele das idéias, materializadas em objetos, para a concretização dos discursos de “convencimento”, para explicitação de fenômenos e categorias. É um espaço de artificialidade, onde o que conta é a capacidade dos seus idealizadores e mentores, através do estímulo dos sentidos e emoções, em comunicar conceitos, bem como a capacidade de seu público em interpretar (re)elaborar mensagens e conhecimentos.

Objetos são arranjados, explorando-se várias formas de compreensão e cognição. Expõem-se explorando similaridades, justaposições, comparações, confrontações. Informa-se a partir da comparação, indicando-se similaridades e diferenças. O discurso pretende ser direcional, havendo, no entanto, uma diversidade de modos de percepção do que se expõe, exatamente porque a percepção e a compreensão dependem do grau de familiaridade ou estranhamento que cada indivíduo tem com os códigos apresentados.

Construímos nossa relação com o mundo através dos objetos, em um determinado sistema cultural, que permite que estabeleçamos nexos, atribuamos significados ao visto e ao vivido. Criamos e selecionamos objetos em relações de complementaridade e dependência, sendo a linguagem elemento essencial neste processo.

*“Construímos passo a passo nosso próprio mundo através da cultura que adquirimos, aprendendo a nominar os objetos que nos cercam, classificando-os através de critérios e regras que o meio propõe: forma, cor, peso, funções, critérios estéticos.” (GONSETH, 1984, p.14)*

Nosso processo de socialização se dá através da manipulação de objetos e seus significados. No sistema dos objetos há lugar para aqueles considerados prestigiosos, bem como para aqueles que consideramos devam ser evitados e de pouca importância. Partindo de um rol inicial de objetos considerados como inerentes e significantes para seu grupo, cada indivíduo passa a construir e relacionar-se com novos objetos, por vezes repetindo gestos e ações esperados e previsíveis, por outras, inovando, por conta de novas experiências e aquisições.

Esta tem sido umas das funções dos museus na sua relação com as diversas classes sociais, notadamente as elites: lembrar qual sistema de objetos deve ser apreciado, mantido, explicitado. O museu encarregado em fazer lembrar, não deixar que o esquecimento tome conta das pessoas, definindo quais objetos identificam cada grupo. A abordagem contrária também está implícita nesta questão, a de promover o esquecimento, na qual o museu se apresenta como espaço para negar objetos, e retirá-los da memória coletiva institucionalizada. Neste quadro o Museu é elemento de propaganda ideológica através de imagens, de objetos, fabricando uma imagem ideal.

Na medida em que se definem objetos a serem conservados e expostos, aqueles que não compuserem listas, arrolamentos e coletas, estarão, na perspectiva do preservacionismo museológico, fadados ao desaparecimento, ao esquecimento. Aqui, nos deparamos com outra questão relacionada aos museus e ao sistema dos objetos: há uma forma de interpretar os objetos que está relacionada com a nossa vivência particular com cada um deles, mas um museu é um espaço que possibilita o contato com objetos que não têm nada a ver com nossa experiência, aqueles que já foram retirados do sistema de uso ou os que pertencem a tempos e/ou espaços estranhos a nós. Este contato nos desafia ao entendimento de tais objetos, já que apreendemos os significados dos objetos, basicamente, pela relação direta que estabelecemos com eles e sua inserção em nossas vidas. Este contato provoca reação de estranhamento e desafia o nosso entendimento.

*“Estes objetos fora do tempo e fora do espaço agem sobre nós, nos impressionam. São a prova tangível que nosso mundo foi criado por outros [...] testemunham que existem outros saberes e outros criadores, nos deixam desarmados face a seu silêncio de objeto. Felizmente a arqueologia, a história, a antropologia [...] debruçam-se sobre este silêncio, ajuntando-lhe um texto, recriando-lhe um contexto. Mas constatamos que estas disciplinas [...] recriam o passado do objeto em estreita relação com o seu próprio presente, modificando-lhe o texto a cada novo olhar sobre eles.” (GONSETH, 1984, p.15.*

Na medida em que o museu estabelece-se como instituição do evidenciamento do tempo e dos fatos ocorridos na cronologia, mostrando objetos, evidenciando signos, estimula o esquecimento de fatos e objetos não tratados por ele, pulveriza aqueles elementos não expostos em suas salas. “... os objetos não falam [...] são sombras que dissimulam o que está por trás deles, mas sobre os quais inscrevemos os discursos que queremos construir” (DAGOGNET, 1993, p.20)

A familiaridade ou estranheza com os objetos, será responsável pelo entendimento, ou não, da mensagem que se quer comunicar. Os nexos se realizam a partir do processamento das informações recebidas pelo espectador, em seu sistema de referências simbólicas, seu sistema de crenças.

*“Neste sentido, caberá aos técnicos dos museus, aqueles responsáveis pela planificação das exposições, a identificação de signos que sejam representativos dos fenômenos ali explicitados. Nos museus, os arranjos são intencionais, tudo decidido e sabiamente programado, afim de instruir e impor, um certo passado, uma certa memória.” (DAGOGNET, 1993, p.19)*

A questão, é que é grande a dificuldade em controlar as interpretações e determinar quais serão os níveis de entendimento do que se expõe. Presume-se e busca-se atingir um determinado grupo ou segmento da sociedade, mas a heterogeneidade das populações resulta um universo vasto de capacidades de entendimento. Pensemos por exemplo, em um museu como o Afro-Brasileiro, ao expor-se um berimbau, ou um colar de Orixá, várias serão as interpretações acerca destes objetos. Para aqueles que nenhum conhecimento anterior tenham destes objetos, estes terão significação totalmente diversa daqueles que têm tais objetos incluídos entre aqueles que fazem parte do seu próprio sistema cultural, e mesmo aqueles entre os que tenham referências sobre tais objetos, seguramente as percepções diferenciadas, pois as leituras são diferenciadas, determinadas pela experiência de cada um. A ferramenta principal utilizada pelos museus na sua intenção didática é a exposição de objetos. Buscando atingir os indivíduos pelos sentidos,

*“O museu coloca em jogo inicialmente a visão, os sentidos, e é necessário que esta ordem, condição da pedagogia futura, toque por sua evidência, seu poder evocador, o olho do observador [...] tocar os sentidos para melhor convencer a razão.” (DAGOGNET, 1993, p.19)*

A incapacidade em transmitir mensagens exclusivamente através de objetos, bem como a necessidade em aprofundar conhecimentos, faz com que uma variedade de recursos complementares aos objetos sejam utilizados

*“Esquemas, gráficos e suas flechas, desenhos indicadores, as explicações e as notas. Por vezes até acompanhamento sonoro. Mas, os complementos da museografia, por vezes indispensáveis, [...] refletem a incapacidade de estabelecer uma visão pertinente do objeto [...] a forte densidade das cartas, dos diagramas, utilizados por alguns museus, para fixar seus fundamentos científicos, leva a pensar que este material é passível de ser lido por todos, que todo o mundo tem tempo e necessidade de decifrá-los.” (DAGOGNET, 1993, p.20)*

Por fim, outra questão que podemos destacar, como característica dos museus é a do deslocamento do objeto de sua origem e função,

*“... subtraídos de suas bases normais, metamorfoseados ou em um objeto de arte (o pote de estanho servia como recipiente, o cinzel em ferro forjado não servia senão para cortar), ou em peça folclórica com sua conotação nostálgica [...] no museu têm outro papel, distantes daquele original. Tudo é transformado, maquiado, desnaturalizado.” (DAGOGNET, 1993, p.20)*

Os objetos que se apresentam em museus estão deslocados do seu ambiente de origem, recontextualizados, em um processo de novas significações, passando a compor um novo sistema de referências - o sistema da informação museológica, em um cenário que traz em si mesmo, referências completamente alheias ao objeto.

### **1.5 Desejo, poder e valor objetivados: o objeto como ícone de status.**

O desejo é elemento presente nas relações e mentor de transformações, é uma dimensão essencial na relação sujeito-objeto, podendo crescer a ponto de tornar-se paixão, obsessão, por vezes inconsolável, surgindo daí o ato de colecionar. Apropriação, possessão, integração, são sentimentos implícitos nas relações que estabelecemos com os objetos, existindo diversos elementos de estímulo, entre eles, notadamente a publicidade, aliada da moda, que vem a ser a sucessão cíclica de gostos e práticas que se alternam, substituem-se, valorando determinado elemento, que brevemente poderá passar ao rol daqueles considerados fora de moda, logo substituído por outro no ciclo do gosto e do consumo.

Esta situação, que envolve poder e ostentação, implica em um paradoxo, o da diferenciação aliada à assimilação: o desejo de possuir algo que distinga e classifique pessoas que se acreditam especiais, superiores, mas que ao mesmo tempo as iguale a elementos de um mesmo grupo. Contradição que reside na originalidade em companhia da semelhança, no desejo de ser reconhecido e acolhido pela sanção do grupo, ao tempo em que se destaca diante deste mesmo grupo e outros grupos.

Neste quadro surge o colecionador, que exhibe suas conquistas, os objetos adquiridos, como troféus, confirmadores da sua competência, seu poder, valorizando-se diante dos outros indivíduos. Esta é também uma das facetas dos museus, quando entendidos e elaborados como espaços de ostentação de poder e força, enquadrando-se aí os grandes museus relacionados ao colonialismo e imperialismo. Seus acervos refletem a penetração e exploração de povos e suas culturas. Tais museus apresentam-se como espaços do seqüestro, da dilapidação de objetos que retirados dos sistemas culturais dos grupos de origem se apresentam como referências de domínio de determinados grupos em relação a outros. Aqui, mais uma vez, o poder se apresenta como elemento preponderante na coleta, armazenagem e exposição de objetos em museus.

No entanto, o museu pode ser entendido e produzido na perspectiva de espaço de encontro de referências, de explicitação de abordagens sobre questões determinadas. Um espaço de encontro de abordagens, proposições, em que se possibilitem o questionamento, a síntese, novas referências e mudanças de posição. Entendido como um espaço que forneça subsídios para a transformação de idéias, de indivíduos e conceitos da sociedade. Como instituição que funcione para o diálogo intercultural, como espaço de democratização de conhecimentos, em que

se apresentem visões diferenciadas acerca de um mesmo problema, de uma mesma questão. Local em que se permita o falar e o escutar, em que se estabeleça e propicie, ou melhor, se estimule o diálogo. Diálogo que historicamente destes espaços de memória.

Postura pretensiosa, e talvez utópica, mas somente esta abordagem justifica que tantos esforços sejam dispensados à manutenção de tais instituições e suas coleções, bem como ao desenvolvimento de programas de estudo e documentação de tais acervos e ainda à sua divulgação, através de exposições, catálogos, e tantos outros meios de difusão da informação, propiciando a comunicação e decorrente processo de conhecimento.

### **1.6 Ciclo dos objetos: produção, apreensão, recontextualização.**

Os objetos se enquadram em sistemas de significações, portanto o poder do objeto está relacionado às construções e leituras nas quais eles se enquadram. Na relação direta entre a produção de significados e objetos existentes, percebemos que estes provocam novas situações que por sua vez levam ao surgimento de novos objetos. Há relações entre realidades e objetos, melhor dizendo, entre sujeitos que constroem objetos e objetos que "constroem" sujeitos, moldam novas posturas, novas abordagens, novos desejos, bem como novos gestos, novas formas de pensar e agir.

A força do objeto não reside em si mesmo, na sua materialidade e forma. Certamente que sua materialidade apresenta características que contribuem para as diversas interpretações possíveis, e é essencial no que diz respeito à funcionalidade dos objetos, mas esta materialidade é interpretada e analisada a partir de categorias, que são estabelecidas, preexistentes, conceituais e contextualizadas. Mesmo o elemento aparentemente mais despojado de interpretações racionais estará influenciado pelas informações do sistema de crenças. Afirmamos que determinado alimento tem sabor bom ou mau a partir de uma série de características que previamente fomos acostumados, ou induzidos, a admitir como sendo inerentes a um alimento saboroso, a concepção de belo ou ainda de importante, está sempre condicionada por pressupostos culturais. *Será vão buscar no objeto em si a fonte do poder do qual ele é dotado somente na 'situação'. É possível, interrogar-se sobre o objeto em qualquer das situações em que se enquadra.* (DAGOGNET, 1993, p.18)

Ainda considerando o ciclo de produção dos objetos e sua força simbólica podemos destacar outra questão. Os objetos são testemunhos dos gestos que lhes deram origem, ou ainda, das condições tecnológicas - culturais e necessidades existenciais a eles relacionadas. Neles estão contidos processos, passos tecnológicos, mas também relações que se estabeleceram a partir deles, bem como as pressões sociais que os definiram, os moldaram e os estruturaram. Sua forma transcende seus limites, revela bem mais do que o simples olhar pode captar e do que a sua materialidade indica. Em si o objeto é mudo, inerte, é necessário o olhar, que é cultural, para que ele seja compreendido e valorizado.

Tal entendimento exige que enquadremos os objetos em sistemas de significação, de uso, de correlações. É preciso que nos (re) apropriemos permanentemente dos objetos e através deles, construamos as imagens a eles relacionadas. Um berimbau, solitário, evoca a imagem de uma roda de capoeira, os sons metálicos, a ginga, a malandragem, a esperteza, a resistência de um grupo étnico, faz lembrar Mestre Pastinha e tantos outros mestres da capoeira. Caso contrário tal objeto não passará de uma combinação de arco, madeira, arame e cabaça, reduzido à interpretação dos elementos de sua materialidade, ou a interpretação a que cada um consiga chegar com o seu próprio conhecimento.

Os objetos não falam por si, nós é que construímos os seus textos, mobilizando-os daqui para ali, introduzindo-os em nossos contextos simbólicos. São responsáveis pela construção simbólica, por estes quebra-cabeças dinâmicos, montados com peças que poderão deslocar-se em diversos sentidos, dependendo dos interesses e intimidade de cada um com os objetos e as relações possíveis de se estabelecerem com eles e nossas realidades. A relação entre objeto e contextos é complementar e interdependente.

## 1.7 Museus e objetos: Relação de síntese e complementaridade.

Há relação profunda entre museus e objetos, decorrendo daí, uma série de abordagens significativas. O museu, em si, possui significados dos mais variados, dependendo do grau de relação e entendimento que cada indivíduo ou grupo estabelece com ele. Para alguns, é "Templo" de referências das culturas e seus elementos de composição, a sua iconicidade é entendida como superior, enquadrada nos padrões qualitativos dos grupos detentores do poder, das bases de produção e consumo. Para outros, é espaço estranho e inóspito, exótico e distante, com significados com os quais se identifiquem. Conseqüentemente objetos recolhidos, sistematizados e expostos por estas casas de cultura, são duplamente ressignificados, por estarem fora do seu contexto de origem e por estarem especialmente recolhidos ao espaço do Museu.

Logo, a abordagem desta instituição - o museu, não pode estar dissociada do entendimento do sentido ou sentidos dos objetos, incluídos em um sistema que implica outros elementos, como as palavras, as idéias e as imagens. Entendimento que deve considerar também, que o arranjo cênico - a expografia, dos objetos neste espaço específico e feitichizado, não é dada de forma involuntária e aleatória, mas seguindo a lógica das composições imagéticas e a articulação das partes com o todo. Portanto, a exposição reflete, ou deveria refletir, um conceito, uma mensagem, uma intenção. Neste sentido, museus devem afirmar-se como espaços didático-pedagógicos em que são explorados emoções, sensibilidades e saberes, buscando provocar a reflexão, a interrogação, o aprendizado, o conhecimento, estabelecendo-se como locais em que se aprende através de estímulos que tocam todo o corpo, todos os sentidos.

Várias serão as possibilidades de compreensão dos conteúdos veiculados pelos museus, a depender do grau de entendimento ou envolvimento a que cada um chegue diante de determinada abordagem, ajudando nesta compreensão, vários elementos complementares aos acervos, como gráficos, esquemas, textos, músicas, etc. As reações serão diversas, por conta da diversidade dos sistemas de crença dos visitantes. Tais sistemas são parte integrante do processo de cognição, compreensão de significados. O entendimento do objeto e seus significados, dependerá da aproximação do sujeito ao objeto, a partir do seu olhar, que é marcadamente cultural, que provocará o reconhecimento ou estranhamento dos elementos apresentados e das idéias implícitas no discurso expográfico.

Os museus enquadram-se então, como instituições voltadas para a exploração do sensorial, como um caminho para a cognição, entendendo-se que não se trata de compreensão de conteúdos de forma intuitiva, casual, mas sim de um aprendizado pelos sentidos, despertando as memórias, as referências que cada indivíduo possa ter sobre o mundo em que vive, ou ainda trazer novidades, informações sobre outros modos de viver e enfrentar / construir o mundo.

Nas exposições museológicas diversos elementos conjugam-se na intenção de criação de um texto - o texto museográfico - que recorre a objetos, palavras, luz, mobiliário, gráficos, sons, imagens diversas, para a transmissão de conteúdos. Estas devem informar sobre a criatividade e a conformação, propiciar a visualização da diversidade e pluralidade. Neste sentido, os objetos e suas várias interpretações servem como elementos básicos para a indicação da multiplicidade de concepções e abordagens do mundo, tornam-se exemplos da complexidade que envolve os grupos sociais.

### Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Marcelo Matos, BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Exposição Museológica : uma linguagem para o futuro. Cadernos Museológicos, Rio de Janeiro, n. 2, p. 12-17, dez. 1989.

BANNA, Nadia. La restructuration de la formation de guides pour une visite alternative. In: LEFEBVRE, Bernard, ALLARD, Michel (dir.) **Le musée : un projet alternative**. Montreal : Logiques, 1996. 318p.

BELLAIGUE, Mathilde, MENU, Michel. Une infinie transparence : art et museologie. In: SIMPOSIO MUSEOLOGIA E ARTE, Rio de Janeiro, 1996. Rio de Janeiro, 1996. 325p.

BELLAIGUE, Mathilde, NONAS, Michel. Museologie et art. In: SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E ARTE, Rio de Janeiro, 1996. 325 p.

BRIÈRE, Marie-Andrée. Le visiteur de musée et son appropriation de l'oeuvre d'art. In: LEFEBVRE, Bernard, ALLARD, Michel (dir.) **Le musée : un projet educatif**. Montreal : Logiques, 1996. 318p.

BRUNO, Maria Cristina de Oliveira. Les Musées d'un pays en rupture: L'exemple Brésilien à travers le MAE de l'université de São Paulo. *Musées e Collections Publiques de France*, Paris, n. 20, p. 49-53, set. 1998.

BRUNO, Maria Cristina de Oliveira. *Museologia : algumas idéias para a organização disciplinar*. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, n. 9, 1996.

CANCLINI, Nestor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do Nacional. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 23, 1994.

DAGOGNET, François. **Le musée sans fin**. Creusot : Champs Vallon, 1993. 173p. il.

DIAZ-BORDENAVE, Juan E. Além dos meios e mensagens : introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência. 6. ed. Rio de Janeiro, 1993. 110p. il.

DEFORGE, Yves. L'objet sur la sallette. In: \_\_\_\_\_. Le Salon de l'ethnographie. Neuchatel : Musée d'ethnographie, 1984. p.95-120.

FERREZ, Helena D., BIANCHINI, Maria Helena S. **Thesaurus para acervos museológicos.** Rio de Janeiro : Fundação Nacional Pró-Memória, 1987. 2v.

GONSETH, Marc-Olivier. Le miroir, le masque et l'écran. In: LE SALON de l'ethnographie. Neuchatel : Musée d'ethnographie, 1984. p.13-26

LEVASSEUR, Martine. VÉRON, Martine. Ethnographie de l'exposition: l'espace, le corps et le sens. Paris: Centre Georges Pompidou, 1989. 178p.il.

RASSE, Paul. Techniques et cultures au musée: l'identité, enjeu pour lês musées de société. Lyon : Presses Universitaires, 1997. 229 p.il.

SCHEINER, Tereza. Museologie et art : une relation imprecise. SIMPÓSIO MUSEOLOGIA E ARTE, Rio de Janeiro, 1996. Rio de Janeiro: 325p. p.112-122.